

OS VALORES ADJETIVOS NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM LUCÍOLA

Elaine Silva Clemente (UERJ)

elainesilvacle@gmail.com

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CÂNDIDO, 1995, p. 249)

1. Introdução

Ao iniciar a escrita deste artigo me dei conta da necessidade de uma epígrafe, uma pequena citação que pudesse traduzir, em parte, as motivações que me levaram à escolha do objeto de estudo dessa pesquisa. Desde o início da minha carreira docente, sinto uma inquietação com a questão da leitura na escola. Ao iniciar meus estudos para a confecção da monografia de conclusão da especialização em língua portuguesa, que originou esta pesquisa, procurei refletir sobre a relação leitor X texto na tentativa de avaliar as razões que levam determinado receptor a ter uma experiência tão positiva, como esta minha, e outro a simplesmente rechazar qualquer tentativa de aproximação com um livro.

Recordei que o que mais me fascinava quando lia uma obra literária eram as imagens que ia criando, a forma como interagia com todo aquele universo a que a literatura me apresentava. Essa capacidade de penetrar no texto e perceber o que ele tem a oferecer não percebia em nenhum dos meus alunos, independentemente do segmento a que pertencia. Essa constatação começou a me incomodar particularmente, por acreditar que apenas através do desenvolvimento da capacidade de reflexão do aluno podemos torná-lo um usuário competente da língua.

A escolha do tema pesquisado nasceu de uma paixão e de uma inquietação, concomitantemente, de uma inquietação pela ausência da lite-

ratura no cotidiano dos meus alunos, literatura que sempre foi para mim uma paixão. Dessa forma, inquietação e paixão caminharam juntas durante minha labuta. Muitos trabalhos colaboraram para as reflexões necessárias a essa árdua tarefa de pesquisa, artigos que discorriam sobre texto literário, sobre leitura, sobre língua e cidadania, entre outros. É que para nós, professores de língua materna, somam-se outras responsabilidades, além da acadêmica, ao iniciar uma pesquisa. Aumentar as oportunidades de inserção social dos nossos alunos através do uso adequado da língua, torná-los usuários competentes é uma responsabilidade enorme. A leitura age nesse sentido como um importante facilitador.

A pesquisa que deu origem a esse artigo se propôs, por um lado, a afirmar a importância da leitura dos clássicos da literatura brasileira para a formação do aluno e por outro a demonstrar alguns procedimentos de leitura que facilitam o contato dos alunos com o texto literário clássico e possibilitam a percepção dos recursos linguísticos utilizados na construção dos sentidos nesse tipo de texto, a identificação da força que os elementos caracterizadores acrescentam a ele e que enriquecem a narrativa.

Para muitos a leitura dos clássicos da nossa literatura é uma atividade penosa, torturante até. Atribuímos essa resistência ao texto clássico a alguns fatores como: presença de uma estética mais elaborada, que exige procedimentos de leitura mais complexos; linguagem mais rebuscada e de difícil apreensão; pouco conhecimento vocabular do leitor ou dificuldade de relação entre o tema apresentado e a realidade desse receptor.

Considerando a necessidade de atrair a atenção do leitor para uma obra literária clássica que estabelecesse certa proximidade temática com nossa realidade, elegei *Lucíola* como corpus foi um encaminhamento natural. Um romance que tematizasse sobre prostituição, mostrando o olhar da sociedade sobre o assunto e o sentimento da mulher que vive nessa condição, pareceu-nos pertinente. Além disso, o romance de Alencar, com adjetivação abundante, permitiu que definíssemos o recurso linguístico a ser focalizado nos estudos. Nada mais adequado que o sintagma adjetival para mostrar a expressividade da linguagem literária.

Como recorte linguístico, focamos na força semântico-discursiva dos adjetivos na caracterização e na formação do perfil da personagem-título, o valor literário, afetivo e todas as nuances que eles dão ao texto.

Nossos estudos foram iniciados considerando a perspectiva gramatical e normativa da língua. Nessa perspectiva, destacamos a ordem de colocação do sintagma adjetival, como tópico de extrema relevância para

a comprovação da atuação dos adjetivos na construção dos sentidos do texto. Para isso, nos baseamos nos estudos de Evanildo Bechara, Celso Cunha e Maria Helena de Moura Neves.

Ainda com relação ao emprego do adjetivo, nos propomos a comprovar sua potencialidade argumentativa, com atenção à seleção vocabular. Com essa finalidade, analisamos a obra pela perspectiva estilística, utilizando como suporte teórico os estudos de Rodrigues Lapa, José Lemos Monteiro e Nilce Sant'Anna Martins.

2. Adjetivo: função e emprego

Tradicionalmente, em língua portuguesa, coube à gramática o papel de mantenedora da unidade da língua. Ela, enquanto compêndio, é que traz as prescrições de uso da série de elementos linguísticos que compõem a norma padrão. Essa que é a modalidade socialmente aceita e adotada como modelo do bom falar e da boa escrita, ofertada nos ambientes escolares e acadêmicos.

Buscamos então nas gramáticas normativas a conceituação contemplando os aspectos morfossintáticos do sintagma e na de Maria Helena de Moura Neves a definição que partiu do inventário de usos do adjetivo e que ao lado da prescrição e do estilo, muito contribuiu para o desenvolvimento da pesquisa.

Adjetivo – é a classe de lexema que se caracteriza por constituir a delimitação, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo orientando delimitativamente a referência a uma parte ou a um aspecto do denotado. (BECHARA, 2004, p. 142)

O adjetivo é essencialmente um modificador do substantivo. Serve: 1º – para caracterizar os seres, os objetos ou as noções nomeadas pelo substantivo; 2º – para estabelecer com o substantivo uma relação de tempo, de espaço, de matéria, de finalidade, de propriedade, etc. (CUNHA, 2001, p. 245)

Os adjetivos são usados para atribuir uma propriedade singular a uma categoria (que já é um conjunto de propriedades) denominada por um substantivo. De dois modos funciona essa atribuição: a) qualificando; b) subcategorizando. (NEVES, 2011, p. 173)

Para encontrar os sentidos desejados para a composição da pesquisa, procuramos os conceitos sobre o sintagma adjetival na estilística. Essas definições, que contemplam o aspecto semântico do sintagma e não apenas o morfossintático, figuraram como peças fundamentais para o levantamento dos seus usos no clássico alencariano escolhido por nós.

O adjetivo é semanticamente definido como a palavra que exprime noções qualitativas dos seres (...) é uma das classes que mais indicam o lado afetivo da comunicação (...) e além das afetividades, as imagens sensoriais são sugeridas, na maioria das vezes, por vocábulos ou expressões que funcionam como adjetivos (...). (MONTEIRO, 1991, p. 62-63)

As palavras lexicais, também chamadas lexicográficas, nocionais, reais, plenas, mesmo isoladas, fora da frase, despertam em nossa mente uma representação, seja de seres, seja de ações, seja de qualidades de seres ou modos de ações (...) são palavras lexicais os substantivos, os adjetivos e os advérbios deles derivados (...) (MARTINS, 1989, p. 77)

O adjetivo é portanto o elemento essencial da caracterização dos seres, mas a estilística tem uma noção muito mais larga do adjetivo do que a Gramática: para ela tudo quanto sirva para caracterizar, jeito de entoação, palavra ou frase, vale como adjetivo. (LAPA, 1998, p. 119)

São os conceitos oriundos da estilística que, aliados aos das gramáticas normativas, alicerçaram esse trabalho que apresentamos.

2.1. Perspectiva gramatical do sintagma adjetival

Na perspectiva gramatical tradicional é atribuída ao adjetivo a função essencial de modificador de um substantivo, caracterizando-o ou estabelecendo com ele determinadas relações como: de tempo, espaço, matéria, finalidade, propriedade, procedência (adjetivos de relação), destacando-se basicamente os aspectos morfológicos e sintáticos.

Evanildo Bechara, em *Moderna Gramática Portuguesa* (2004, p. 148), apresenta a noção de gradação do adjetivo e as distinções presentes na relação gramatical entre o signo delimitador (adjetivo) e signo delimitado (substantivo) que são de: explicação, especialização e especificação (p. 143). Nos fragmentos extraídos de *Lucíola* exemplificaremos as noções de especialização e especificação:

- “... corei de minha *simplicidade provinciana*.”

Considerando o aspecto morfossintático, o atributo “provinciana” especializa, particulariza o vocábulo “simplicidade”, marcando os limites da relação entre signo delimitador e signo delimitado.

- “É uma *festa filosófica* essa festa da Glória.”

O sintagma adjetival “filosófica” especifica, restringe o substantivo “festa”. Na sentença o adjetivo reduz a gama de possibilidades de festa a uma festa específica.

Celso Cunha, em *Gramática do Português Contemporâneo* (2001), trata do valor estilístico do adjetivo, indicando a ordem de colocação do adjetivo como responsável pela atribuição de um valor objetivo (adjetivo posposto ao substantivo) ou subjetivo (adjetivo anteposto ao substantivo) à sentença (p. 266).

Como elemento fundamental para a caracterização dos seres, o ADJETIVO (ou qualquer expressão adjetiva) desempenha importante papel naquilo que falamos ou escrevemos.

É ele que nos permite configurar os seres ou os objetos tal como a nossa inteligência os distingue, nomeando-lhes as peculiaridades objetivamente apreensíveis. (CUNHA, 2001, p. 265)

Já Maria Helena de Moura Neves, em sua *Gramática de Usos do Português*, indica que os adjetivos qualificadores podem ser graduáveis ou intensificáveis e propõe que a segunda subclasse de sintagmas adjetivais expressa diversos valores semânticos como os de modalização (os que exprimem conhecimento, consideração ou opinião do falante) e de avaliação (quando exprimirem propriedades que definirão o adjetivo na sua relação com o falante).

Todos os conceitos teóricos acerca do sintagma adjetival, pela perspectiva gramatical, ancoraram nossa observação dos usos feitos por Alencar em *Lucíola* e estabeleceram uma ponte com a perspectiva estilística na análise da obra que foi nosso *corpus de estudo*.

2.2. Valor estilístico do atributo

Neste subitem tratamos o sintagma adjetival pela perspectiva estilística, a partir de sua característica de atributo. Foi da estilística que extraímos as noções de expressividade dos adjetivos – os valores afetivos e intelectuais, seu sentido avaliativo, seu poder evocativo e sua argumentatividade.

Nos apropriamos das palavras de José Lemos Monteiro, em *A Estilística*, declarando “que a expressão literária resulta de uma gama extensa de fatores ou condicionamentos culturais como as influências do meio, da época, da estrutura linguística, etc.”, e completamos com o conceito de estilo de M. Murry que o enxerga como “qualidade de linguagem peculiar ao escritor, que comunica emoções ou pensamentos.”, para justificar a busca natural pelo caminho da estilística que, pela natureza do

seu campo de estudo, ofertou-nos o encaminhamento adequado para nossa investigação textual.

Foi a junção das definições supracitadas que permitiram enxergar mais facilmente a presença do posicionamento individual de Alencar, que Monteiro chama de uso individual da linguagem, e da influência das evocações culturais que atuam consciente ou inconscientemente na seleção dos vocábulos por parte do autor e carregam o sintagma adjetival de juízos de valor. Esses dois níveis, individual e coletivo, ajudaram a conferir aos adjetivos a argumentatividade que levam o leitor a assumir determinado posicionamento ante uma personagem apresentada pelo escritor.

Ancorados nos estudos de Monteiro e Lapa, analisamos os valores afetivos (aspectos conotativos) e intelectuais (aspectos denotativos) dos sintagmas adjetivais em *Lucíola*. Apoiados nas definições de Neves observamos os valores semânticos dos adjetivos qualificadores e partindo dos estudos de Martins identificamos os sentidos avaliativos e evocativos presentes nos sintagmas adjetivais.

3. *O sintagma adjetival em Lucíola*

3.1. Escolhas e seus efeitos de sentido

Antes de iniciarmos a análise dos efeitos de sentido pretendidos por José de Alencar em *Lucíola*, não poderíamos deixar de mencionar uma definição que foi de fundamental importância para nossa reflexão, e que foi dada por José Lemos Monteiro sobre discurso literário. Segundo o autor, no texto literário o escritor faz uma seleção voluntária e consciente dos vocábulos, influenciado por uma intenção estética. Essa afirmação não é uma novidade para os estudiosos da língua e para muitos falantes que, graças às contribuições dadas pela análise do discurso, têm ciência de que todo texto é criado por alguém, para alguém, com uma determinada finalidade, não havendo então um texto isento de intencionalidade, um texto neutro.

A obra em questão foi eleita por nós por ser um texto extremamente expressivo, com a presença de um tema que atinge o emocional do leitor, cheio de juízos de valor impostos pela sociedade, oferecendo material abundante para a análise da expressividade e intencionalidade discursiva.

Se não é possível ver a literatura como uma categoria “objetiva”, descritiva, também não é possível dizer que a literatura é apenas aquilo que, caprichosamente, queremos chamar de literatura. Isso porque não há nada de caprichoso nesses tipos de juízos de valor: eles têm suas raízes em estruturas mais profundas de crenças (...) a literatura não existe da mesma maneira que os insetos, e que os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais. Eles se referem, em última análise, não apenas ao gosto particular mas aos pressupostos pelos quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre outros. (EAGLETON, 2011, p. 17)

Assim, nos pareceu adequado considerar as palavras de Bally (1962, p. 125) afirmando que “expressivo é todo fato linguístico associado a uma emoção” e completá-las com as de Monteiro declarando que: “Cremos, porém, que a característica fundamental da expressividade reside na ênfase, na força de persuadir ou transmitir os conteúdos desejados, na capacidade apelativa, no poder de gerar elementos evocatórios ou conotações.”

Neste subitem analisamos o caráter avaliativo e evocativo, relacionados a capacidade apelativa de que fala o autor, presente no romance em questão, que comprovou a importância da seleção dos vocábulos na composição dos sentidos pretendidos por Alencar. Quanto à natureza evocativa de um vocábulo, ela se dá pelas possíveis associações entre ele e conteúdos relacionados a aspectos culturais, sociais ou contextuais. Segundo Monteiro, muitas vezes, informações de ordem biográfica ou de cunho sociológico ajudam a esclarecer a preferência pela utilização de determinados vocábulos.

Ao analisarmos o trecho de *Lucíola*, percebemos que a escolha dos adjetivos abaixo, em conjunto com a constatação de Paulo (narrador-personagem) sobre a ausência de um parente do sexo masculino, evoca aspectos sociais que tornariam Lúcia uma mulher perdida.

Compreendi e corei de minha simplicidade provinciana, que confundira a máscara *hipócrita* do vício com o *modesto* recato da inocência. Só então notei que aquela moça estava só, e que ausência de um pai, de um marido ou de um irmão, devia-me ter feito suspeitar a verdade. (ALENCAR, 2005, p. 2-3)

Outro exemplo da natureza evocativa do sintagma adjetival aparece no recorte abaixo onde a seleção feita pelo autor evidencia a preocupação do personagem com a imagem que as pessoas da sociedade, da qual ele pertencia, poderiam fazer dele.

Saí bem decidido a pôr um termo à situação *vergonhosa e humilhante* em que me achava colocado. As palavras de Sá me queimavam os ouvidos. Eu vi-

vendo à custa de Lúcia, eu que esbanjava a minha *pequena* fortuna por ela! (ALENCAR, 2005, p. 58)

Os atributos *vergonhosa* e *humilhante* expressam a opinião do autor para a situação evocada que é a condição de cafetão, de homem que explora financeiramente a mulher com a qual se relaciona. Homem que julga-se injustiçado uma vez que reconhece estar sofrendo uma perda financeira, ideia reiterada na última frase pelo atributo utilizado, não uma vantagem como os outros poderiam supor.

Outra comprovação do sentido evocativo de caráter social, que atesta a cristalização e incorporação de um juízo de valor, aparece no trecho abaixo onde a escolha dos atributos feita por Alencar acentua a ideia de que pela condição da personagem-título, de prostituta, restaria apenas a alternativa de viver só.

E podemos nós ser amadas de outro modo? Como? Arrependendo-nos, e rompendo com o passado? Talvez o primeiro que zombasse da mísera fosse aquele por quem ela desejasse se regenerar. Pensaria que o enganava, para obter por esse meio benefícios de uma generosidade *maior*. Quem sabe?... suspeitaria até que ela sonhava com uma união *aviltante* para a sua honra e para a reputação de sua família. Antes mil vezes esta vida, *nua de afeições*, em que se paga o desprezo com a indiferença! Antes de ter *seco e morto* o coração do que senti-lo viver para semelhante tortura. (ALENCAR, 2005:79)

3.2. Os valores afetivos e intelectuais

Para que pudéssemos dar o encaminhamento adequado no que concerne aos valores afetivos e intelectuais do sintagma adjetival, foi necessário buscarmos algumas definições acerca do assunto.

É de extremo interesse para os estudos estilísticos a presença dos elementos emotivos na construção dos sentidos das palavras, elementos estes responsáveis pelos valores afetivos que integram o corpus do nosso trabalho. Para Nilce Sant'Anna as palavras de significado afetivo “são aquelas que exprimem emoção, sentimento, um estado psíquico e é através do adjetivo que o falante caracteriza emocionalmente o ser de que se fala”.

Mas não só a estilística colabora para a compreensão dos temas de que tratamos aqui, Celso Cunha defende que o sintagma adjetival em uma oração cujos termos estejam em ordem direta confere ao enunciado um encadeamento lógico, um valor objetivo. Contudo se aparecer em or-

dem indireta, adjetivo anteposto, a sentença assumirá um valor subjetivo, gerado pela ênfase dada ao caráter qualificativo.

A questão da objetividade e da subjetividade do sintagma adjetival também é abordada por Lemos Monteiro que relaciona esta ao valor afetivo do sintagma ao mesmo tempo que liga aquela ao seu valor intelectual. Rodrigues Lapa afirma que “designando um atributo, uma qualidade, é natural que o adjetivo tenda sobretudo para a expressão intelectual, abstrata.” No que diz respeito ao valor intelectual, diz que nas construções onde ele aparece o sentimento não intervém, a representação ali é puramente intelectual. Por outro lado em uma construção em que predomina o valor afetivo, as palavras conspiram para transmitir uma ideia de intensidade carregada de sentimento.

Aproveitando-nos da ideia apresentada por Lapa, e de todas as teorias ofertadas no decorrer desse subitem, comprovamos textualmente a genialidade de José de Alencar ao mesclar, com tanta competência, esses dois valores na composição do romance analisado.

- Desculpe, se alguma vez a fizer corar sob os seus *cabelos brancos...*, (ALENCAR, 2005, p. 1).

A posição posposta do vocábulo “brancos” comprova o caráter objetivo do sintagma adjetival, “brancos” nesta sentença mantém seu valor intelectual, sua natureza denotativa, informação sobre a cor branca dos cabelos da personagem a quem o narrador se refere, uma senhora já em idade mais avançada.

Nunca lhe sucedeu, passeando em nossos campos, admirar alguma das *brilhantes parasitas* que pendem dos ramos das árvores, abrindo ao sol a *rubra corola*? E quando ao colher a *linda flor*, em vez da *suave fragrância* que esperava, sentiu o cheiro repulsivo de *torpe inseto* que nela dormiu, não a atirou com desprezo para longe de si? (ALENCAR, 2005, p. 6)

No recorte textual escolhido percebemos claramente a manifestação de uma emotividade por parte do escritor. A opção pela colocação do adjetivo em posição anterior ao substantivo marca essa característica subjetiva, evidente pela construção metafórica feita por Alencar em que compara as cortesãs, representadas por *Lucíola*, a parasitas. O segmento analisado comprova teoria de José Lemos Monteiro que associa ao valor afetivo à presença da conotação.

Durante toda a composição do romance, Alencar mescla construções com valor intelectual a outras com valor afetivo, isso atesta a habili-

dade do autor em utilizar os recursos linguísticos com a finalidade de conseguir a adesão do leitor à imagem que ele deseja criar.

3.3. A força semântico-discursiva na construção da personagem

Para facilitar a comprovação da presença da argumentatividade, da força semântico-discursiva do sintagma adjetival, é importante reconhecermos que os seres são percebidos por nós através dos atributos que recebem. Outra questão fundamental é a utilização intencional da linguagem, percebida pela presença de um julgamento pessoal e manifestado através do emprego de vocábulos carregados de afetividade que atribuem qualidades positivas ou negativas, valorizadoras ou depreciativas. São esses vocábulos que nos remetem à fatores externos à língua, evocando aspectos psíquicos, sociais e culturais que influenciam na questão da argumentatividade.

Foi na teoria de Maria Helena de Moura Neves que sustentamos boa parte das comprovações textuais que seguem. Partindo das suas definições, sobre os diversos valores semânticos expressados pelos adjetivos qualificadores, é que selecionamos os recortes que exemplificam a força semântico-discursiva presente nas escolhas que fazem parte da construção do perfil de Lucíola. Valores que, de acordo com a intenção do autor, alternam sentidos positivos e negativos.

- Sentido de avaliação psicológica:

A luz, que golfava em cascatas pelas janelas abertas sobre um terraço cercado de altos muros, enchia o aposento, dourando o lustro dos móveis de pau-cetim, ou realçando a alvura *deslumbrante* das cortinas e roupagens de um leito gracioso. Não se respiravam nessas aras sagradas à volúpia, outros perfumes senão o aroma que exalavam as flores naturais dos vasos de porcelana colocados sobre o mármore dos consolos, e as ondas de suave fragrância que deixava na sua passagem a deusa do templo.” (ALENCAR, 2005, p. 14)

Tive vergonha e asco, eu, que na véspera apertara com delírio nos meus braços essa mesma cortesã, menos bela ainda e menos *deslumbrante*, do que agora na sua fulgurante impudência. (ALENCAR, 2005, p. 31)

Nesse grupo de sentenças, o primeiro recorte da obra apresenta o atributo “deslumbrante” sendo utilizado com sentido positivo, com a intenção de ajudar a compor o cenário de leveza, de delicadeza e pureza do aposento de Lucíola, contrastando com o que se espera do quarto de uma prostituta. Já na segunda aplicação o mesmo vocábulo está associado ao

aspecto negativo, refere-se à Lucíola paramentada como cortesã, diferentemente da imagem anterior a que Paulo preferia prender-se.

- Sentido de qualidade:

— Não sabia o que se tinha de passar; suspeitava que te havia de encontrar aqui; porém nunca pensei que homens de educação achassem prazer em obrigar uma *pobre* mulher a semelhante degradação! (ALENCAR, 2005, p. 34)

— Sabe agora o segredo da cupidez e avareza de que me acusavam. Encontram-se no Rio de Janeiro homens como o Jacinto, que vivem da prostituição das mulheres *pobres* e da devassidão dos homens ricos; por intermédio dele vendia quanto me davam de algum valor. Todo esse dinheiro adquirido com a minha infâmia era destinado a socorrer meu pai, e a fazer um dote para Ana. (ALENCAR, 2005, p. 104)

O segundo grupo de trechos do romance apresenta o vocábulo “pobre” em dois sentidos diferentes. Na primeira apresentação ele assume um valor conotativo, refere-se a uma condição emocional, é uma mulher emocionalmente frágil submetida a determinada situação. Na segunda construção é utilizado em seu sentido denotativo, que é de condição social, são mulheres com poucos recursos financeiros. No que diz respeito à questão da argumentatividade, da construção do perfil de Lucíola, em ambas construções o escritor pretende justificar uma atitude da personagem, seja através de sua condição emocional ou social.

4. Conclusão

Falar sobre o sintagma adjetival focando na sua força semântico-discursiva, considerando as perspectivas gramaticais e estilísticas, tendo como corpus um texto literário clássico, tornou-se um grande desafio. Não por ser um tema de grande complexidade, mas por oferecer um vasto campo de estudo, que poderia dificultar a delimitação do objeto de análise.

Dois propósitos básicos nortearam o processo de construção deste trabalho, o desejo de reinserir o trabalho com os clássicos literários no ambiente escolar e o de analisar o comportamento do sintagma adjetival na formação do perfil da personagem-título da obra escolhida.

Nosso corpus foi escolhido a partir de uma inquietação com relação aos problemas relacionados à leitura muito comuns à prática docente, no atual contexto escolar. A opção pela escolha do romance de um autor canônico justificou-se pela necessidade de aproximação dos estudantes

com textos complexos e promovedores do desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita. Eleger *Lucíola* como *corpus* da pesquisa, por abordar comportamentos observados ainda hoje em nossa sociedade, permitiu-nos criar relações entre os valores daquela época e os contemporâneos. Relações essas que propiciaram uma aproximação entre leitor e a obra.

Como recorte linguístico, analisamos a força semântico-discursiva dos adjetivos na caracterização e na formação do perfil da personagem-título, seu valor literário e afetivo e todos os sentidos gerados por eles a partir da seleção feita por Alencar. Nos estudos gramaticais encontramos parte dos conceitos que sustentaram nossa fundamentação teórica e que possibilitaram a prova textual das distinções presentes nas relações gramaticais de especialização e especificação, existentes entre o signo delimitador (adjetivo) e signo delimitado (substantivo) e a comprovação de que ordem de colocação do sintagma adjetival é responsável pela atribuição de um valor objetivo ou subjetivo ao sintagma nominal.

Completando a fundamentação teórica que alicerçou nosso trabalho vieram os estudos estilísticos, de onde extraímos as noções de expressividade, argumentatividade e evocatividade. A partir delas foi possível comprovar os efeitos de sentido (valores negativos e positivos) provocados pelo sintagma adjetival; a presença de valores afetivos e intelectuais nesses sintagmas; a força discursiva do adjetivo e seus valores semânticos na construção do perfil de *Lucíola*.

Assim, a pesquisa pretendeu apresentar-se, por um lado, como um elemento incentivador da reinserção da prática de leitura de obras literárias completas no ensino médio, voltando-se tanto para os profissionais que nele atuam quanto para os alunos desse nível de escolaridade, e, por outro, como modelo para análise textual do emprego dos sintagmas adjetivais como um recurso argumentativo – através do reconhecimento de seu valor expressivo como caracterizador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, José de. *Lucíola*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2005.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- CÂNDIDO, Antônio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins, 2011.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo: Edusp, 1989.

MONTEIRO, José Lemos. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Lei Nº 9.394*. Brasília, 1996.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. *Reorientação curricular – livro I – linguagens e códigos*. Rio de Janeiro, 2005.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília, 1997.